

Diversão & Arte

O POSSÍVEL FIM DE UMA ERA

AVATAR: FOGO E CINZAS
CHEGA AOS CINEMAS E
PODE SER A ÚLTIMA
JORNADA DA TRIBO
NAVI NAS TELONAS

20th Century Studios Divulgação

» MARIANA REGINATO

James Cameron brilha nas telas muito antes de *Avatar*. O diretor canadense acumula na bagagem cinematográfica grandes clássicos do cinema. *Titanic* (1997), *O extermínador do futuro* (1984) e *O segredo do abismo* (1989) são alguns dos títulos assinados por ele. Porém, nada se compara ao impacto que a história do povo Na'vi fez em sua cinematografia e na história do cinema mundial. O primeiro *Avatar*, longa de 2009, chegou às telonas e mudou a rota do fazer cinematográfico, especialmente em relação aos efeitos visuais.

Na trama, o soldado Jake Sully fica parapléxico e participa do programa *Avatar* para substituir seu irmão morto. Chegando em Pandora, luta onde habitam os Na'vi, Jake percebe as grandes capacidades das criaturas para enfrentar os humanos, que buscam explorar os metais

do local. No corpo de um Avatar com a mente de um humano, Jake pode voltar a trabalhar e liderar soldados mas, após conhecer Neytiri, tudo muda.

No ano seguinte, em 2010, *Avatar* recebeu nove indicações ao Oscar e quatro ao Globo de Ouro. No Oscar, as estatuetas de Melhor fotografia, Melhor direção de arte e Melhores efeitos visuais foram conquistadas pelo projeto de James Cameron. No Globo de Ouro, o canadense foi consagrado como Melhor diretor e o longa venceu Melhor filme. Com orçamento próximo a US\$ 300 milhões de dólares, o longa faturou US\$ 2,9 bilhões de dólares, marcando o recorde de maior bilheteria da história do cinema. Em 2019, *Vingadores: Ultimato* chegou perto com US\$ 2,7 bilhões, mas não alcançou.

Treze anos depois do primeiro lançamento, James Cameron retorna com uma nova parte da história, *Avatar: O caminho*

da água. Apesar de impressionar em 2009 com as imagens e efeitos visuais, o diretor eleva mais um degrau em sua produção e entrega um filme visualmente impecável com uma história centrada nos Na'vi, 10 anos depois do primeiro filme. Na trama, Jake Sully tem uma família com Neytiri. Os filhos e o casal buscam explorar Pandora e encontrar outros Na'vi da região, com qualidades aquáticas, que serão essenciais para lutar uma nova guerra. *Avatar: O caminho da água* teve o orçamento calculado entre 350 e 400 milhões de dólares e retornou 2,3 bilhões, sendo o terceiro filme com maior bilheteria na história.

Agora, uma nova jornada se inicia para os Na'vi. *Avatar: Fogo e cinzas* explora mais um elemento, mergulhando na região vulcânica de Pandora. Dessa vez, a batalha é contra o povo das cinzas, tribo Na'Vi

agressiva e em busca de poder no planeta. Supostamente, o universo de Pandora tem sequências previstas para até 2031 e o novo longa é o terceiro de cinco filmes. Porém, James Cameron afirmou em um podcast com Matthew Belloni que o novo projeto pode ser o fim.

Para o diretor, o público já não tem tanto apreço as continuações e apenas grandes projetos cinematográficos conseguem perdurar e manter o interesse dos espectadores. James acredita que *Avatar* é um dos gigantes que conseguiria esse feito, mas isso não significa que a história deve seguir sem necessidade. James Cameron destacou na entrevista que não sabe se o retorno financeiro é uma razão para continuar com a franquia. Independente da história dos Na'Vi seguir ou não, James Cameron marcou a história do cinema mundial com uma franquia emocionante, muito bem elaborada e com visuais que encantam qualquer espectador.

Avatar: Fogo e cinzas pode ser o último filme da franquia

PAIXÃO PELO RODEIO

» MARIA LUIZA VAZ*

Não importa onde estivesse, o coração de Asa Branca nunca saía dos rodeios. Fosse competindo como peão ou revolucionando a maneira de conduzir a locução dos eventos, ele sempre estava no meio dos touros e da adrenalina. É essa a história de *Asa Branca - A voz da Arena*, cinebiografia de Waldemar Ruy dos Santos, famoso locutor de rodeios da década de 1990. Estrelado por Felipe Simas e com direção de Guga Sander, o longa estreou hoje nos cinemas ao redor do país.

Ao ler o roteiro pela primeira vez, conta Simas, o que mais chamou a atenção dele foi a perseverança de Asa Branca dentro e fora dos rodeios: "Internamente, o grande desafio para interpretar ele foi encontrar

essa autoestima sem parecer arrogância. Acho que ele tinha uma autoestima incrível, que acabava sendo inspiração para mim, inclusive. Nada afetava o Asa Branca, e se ele colocava alguma coisa na mente, ele ia até o final. Não à toa, ele se tornou quem ele é e a gente tá aqui contando a história dele", destaca o ator. Além disso, o desempenho físico de correr na arena de bota, narrar e rimar com naturalidade no timbre de Asa Branca foram outros desafios que Simas enfrentou no set.

Um peão promissor, Asa Branca teve que desistir da carreira após ser pisoteado por um touro e ter o pulmão perfurado. Durante a recuperação, ouvindo sem parar as narrações do dia de seu acidente, ele começou a brincar com a própria voz e logo revolucionou a

locução dos rodeios. Mas com a mesma rapidez que a fama e o estrelato o atingiram em 1990, o álcool e as drogas o levaram a sua queda nos anos 2000. "Os atores vivem de grandes personagens e Asa Branca é um grande personagem, esses altos e baixos que ele tem me encantam muito", ressalta Simas.

Além da carreira do locutor, o longa também aborda o relacionamento dele com a esposa, Sandra, interpretada pela atriz Lara Tremouroux. Para o ator, ao retratar o amor entre os personagens ele espera que o público perceba que as conquistas materiais não significam nada sem as companhias certas: "Você pode ter o tudo que você desejar ter, tudo que o dinheiro pode comprar, mas se não tiver as pessoas certas ao seu redor, alguma coisa vai estar

faltando", explica o ator. "Isso é muito bom, porque serve como inspiração para as pessoas que estão assistindo, mas também, quando um personagem que eu dou vida passa por esses lugares, acaba que um pouco do Felipe também se transforma", finaliza.



Fábio Braga/Phyto Audiovisual